

O corpo no cotidiano escolar dos anos iniciais: concepções e percepções

The body in school routine of early years: concepts and perceptions

Caroline Mendes de Oliveira¹ e Andrisa Kemel Zanella²

RESUMO

Este trabalho é resultado da pesquisa realizada no decorrer do Curso de Pedagogia-Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade São Luiz Gonzaga. Teve por objetivo investigar se o corpo é trabalhado nas práticas escolares e, se for, de que modo. A metodologia, de abordagem qualitativa, caracterizou-se por ser uma pesquisa de campo, realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do município de São Luiz Gonzaga. Para coletar os dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada com duas professoras que atuam nos Anos Iniciais, observação das suas práticas pedagógicas e análise dos seus planos de aula. A análise dos achados da pesquisa centrou-se na análise fenomenológica das observações, na descrição dos planos de aula e na categorização das entrevistas. Perante os dados obtidos, foi percebido que o corpo no cotidiano escolar é trabalhado, pois não há como deixá-lo de lado, ou mesmo considerar somente a mente dos alunos. No entanto há formas diferentes de trabalhar o corpo dentro da escola. O corpo não é só importante, ele é necessário para a existência do ser humano no mundo. E na escola não deixa de ser diferente, significando um todo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Palavras-Chave: Corpo. Práticas escolares. Escola

ABSTRACT

This study is the result of a research developed in the during bachelor studies in Pedagogy, at Rio Grande do Sul State University, in São Luiz Gonzaga. It aimed at investigating whether the body is explored in school practices and, if so, how. The methodology based on a qualitative approach, was characterised by being a field research, held in a Municipal Elementary School in São Luiz Gonzaga. Data were collected by semistructured interviews with two teachers working in Early Years Education, by observing their teaching practices and analyzing their lesson plans. The analysis of the research findings focused on the phenomenological investigation of observations, in description of lesson plans and categorization of interviews. Based on the data obtained, it was observed that the body in daily school is explored since there is no way to leave it aside, or even only consider only students' minds. However there are different ways of considering the body at school. The body is not only important, it is necessary for the existence of human beings around the world. And at school it is not different, having a great importance in the teaching-learning process.

Keywords: Body. School practices. School

1 (karolmstg@hotmail.com) - Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul / Unidade São Luiz Gonzaga

2 (andrisakz@gmail.com) - Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul / Unidade São Luiz Gonzaga (Orientadora da Pesquisa)

1. Introdução

O presente trabalho foi elaborado no decorrer do curso de Pedagogia- Licenciatura, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Desse modo, será apresentado o desenvolvimento do estudo, as discussões e contextualizações sobre a temática, como também os dados obtidos durante a pesquisa de campo e quais foram as considerações finais.

A pesquisa realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do município de São Luiz Gonzaga centrou-se na temática “O corpo nos anos iniciais”. Teve como objetivo geral investigar se o corpo é trabalhado nas práticas escolares e se for, de que modo. E, como objetivos específicos: conceituar e contextualizar o corpo; realizar uma análise das concepções de corpo nas práticas escolares; realizar observações das práticas pedagógicas em sala de aula e compreender o entendimento de corpo que os professores possuem e enfocam em suas práticas docentes.

Os objetivos resultaram da problemática de pesquisa, qual seja: O corpo é trabalhado no cotidiano escolar? De que maneira?

Esse questionamento partiu do pressuposto de que o trabalho com atividades que integram o corpo estimula raciocínios lógicos, capacidades psicomotoras e a sociabilidade entre os alunos. O corpo acompanha o indivíduo em toda sua formação e aprendizado dentro e fora da escola. Entretanto, os professores sentem dificuldades para trabalhar com o corpo por não possuírem formação apropriada, e, muitas vezes, por não darem credibilidade para ele, acreditando na dicotomia entre o corpo e a mente. Sendo que a mente ganha papel de protagonista na escola.

A investigação, de abordagem qualitativa, caracterizou-se por ser uma pesquisa de campo, em que utilizei a observação, entrevista e análise dos planos de aula como instrumentos de pesquisa. O trabalho pode ser considerado também um Estudo de Caso, pois busquei compreender um fenômeno específico em profundidade, utilizando descrições, comparações e interpretações.

Para realização das entrevistas, escolhi duas professoras das quatro que atuam nos Anos Iniciais da escola já mencionada, aqui nomeadas como professora A e professora B. Essa escolha justificou-se pela percepção de como as duas realizavam suas práticas pedagógicas, totalmente opostas, e como tinham interpretações diferentes em relação ao corpo.

Após o acompanhamento e coleta dos dados e da literatura estudada, foi realizada uma análise fenomenológica das observações e uma descrição dos planos de aula, como também um comparativo entre a teoria (falada) e a prática (realizada). Posteriormente, foi elaborada a categorização das entrevistas. O processo de coleta e análise dos dados teve duração de três semestres.

A pesquisa justifica-se pelas experiências vividas com o corpo no decorrer de minha história de vida. Durante a minha infância, nunca pude realizar qualquer tipo de atividade física, corporal ou esportiva porque sofro de “asma”, que é uma doença crônica.

Por muito tempo, senti-me angustiada com essa situação, porque também tinha a necessidade de relacionar-me corporalmente com o mundo, e, com isso, percebo que o que não foi trabalhado na minha infância deixou marcas que me incomodam ainda hoje. Acredito que, como futura educadora, preciso pensar, rever, problematizar e protagonizar a questão de corpo dentro da escola, pois é neste espaço que se dá grande parte da formação do ser.

Para problematizar a problemática em questão, inicialmente trago, na próxima seção, uma discussão teórica com o intuito de conceituar e contextualizar o corpo. Posteriormente, direciono o olhar para os ‘achados’ obtidos na coleta de dados. Realizo, neste momento, uma análise fenomenológica das observações, uma descrição dos planos de aula. Também dedico uma atenção especial para associar as observações com os planos de aula e realizo a categorização das entrevistas destacando as concepções das professoras sobre o corpo e suas repercussões nas práticas pedagógicas. Por fim, trago as considerações finais, nas quais tenho como finalidade responder minha

problemática de pesquisa e expor minhas considerações em relação ao corpo no cotidiano escolar dos anos iniciais, ressignificadas após o estudo realizado.

2. Revisão teórica: conceituações de corpo

Nesta seção, apresento minha concepção de corpo e um breve histórico sobre o mesmo, contextualizando-o a partir de alguns autores. Dentre eles, destaco: CABEDA; CARNEIRO e LARANJEIRA (2000), FOUCAULT (1987), LÊ BRETON (2007), MARTINHUK; FINCK (2011), PINTO (2010), SANTIN (1994), STOKOE; HARF (1987) e STRAZZACAPPA (2001).

Falar sobre o corpo é adentrar em um campo muito complexo e diverso, pois o conceito de corpo é variável, definido, muitas vezes, por diferentes representações. O corpo é parte indissociável de nossa formação como seres humanos. O corpo é mais que a constituição de pele, osso e carne, é bem mais que possuir órgãos e ter uma fisionomia. O corpo é mente, é sentido e sentimentos. Conforme Miguel Almir Araújo (2000, p.152):

o corpo existe na composição de sua globalidade complexa e mantém-se vivo, através de processos múltiplos de transformação, morte e renovação, no fluxo permanente da plasticidade de seus movimentos metamórficos. Em seus planos psíquico, físico, mental e espiritual o corpo desinstala com a imergência de novos sentires e pensares na alquimia de cada aventura vivida.

A ideia de corpo é constituída a partir do nosso inconsciente, sendo que, para formar uma opinião concreta sobre o conceito de corpo, precisamos primeiro levar em conta toda nossa história de vida corporal, sabendo, também, sobre a influência da cultura e principalmente da nossa educação corporal que tivemos nos primeiros anos de vida e no início da vida escolar. De acordo com Valcira de Oliveira Pinto (2010, p.25):

A imagem do corpo nos é inconsciente, invisível. Não é uma mentalização do corpo como a do esquema corporal, que especifica algumas características da espécie humana, permitindo uma comparação e mensuração, altura, peso e idade. A imagem corporal é singular, está ligada à história de vida do sujeito. Só se constitui e só continua a existir na relação com alguém. Dessa forma, é constituída das impressões resultantes das relações de prazer e desprazer estabelecidas entre o Eu-Outro, principalmente na primeira infância, com as figuras parentais.

Atualmente, percebemos o corpo como forma de linguagem múltipla na qual o indivíduo pode interagir com o outro e com o meio de diversas formas. O corpo então ganha papel fundamental dentro da escola, sendo importante no processo de ensino e aprendizagem do aluno. O corpo está presente, mas, mesmo assim, ainda não é valorizado e compreendido. É o que afirma David Lê Breton (2007, p.7):

o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal.

Pode-se dizer então que o corpo se relaciona com o mundo, constituindo-se através dos conjuntos de atividades que acontecem neste ambiente, por meio das inquietações emocionais vivenciadas, das relações com outras pessoas, da conexão com a natureza, com o esporte ou exercícios físicos, entre outros. Todas essas ações e experiências deixam marcas nos estratos mais profundos de nosso corpo.

2.1. O corpo no decorrer dos tempos: breve percurso histórico

Assim como o conceito de corpo, a história do corpo também é bem complexa e vista de várias maneiras. A história e o corpo sofreram mudanças, mas o que vem resistindo ao tempo é a dicotomia do corpo/mente, a ideia de que a parte intelectual é mais importante ainda prevalece e dentro de alguns espaços se fortalece. Para iniciar a discussão sobre o percurso histórico do corpo, começo falando da cultura grega, tempo das cosmovisões e do cuidado do corpo por meio dos jogos olímpicos e da ginástica. Segundo Miguel Almir Araújo (2000, p. 143), o corpo era um mistério, era um enigma, um elemento obscuro que ninguém sabia bem como podia ser definido, não existia concepções sobre o corpo como existe atualmente.

Na Idade Média, era sentida intensamente a influência da religião em relação ao corpo. Nesse tempo, a igreja detinha o poder e havia a ideia forte da purificação dos corpos, sendo que só assim a pessoa recebia a salvação da alma. Há muitas marcas deixadas desse tempo, principalmente na exposição dos corpos. Pessoas que vivem de acordo com normas e regras religiosas.

Na Idade Média, a prevalência do pensamento religioso católico realça essa dicotomia mediante o caráter ortodoxo das doutrinas que afastam os religiosos da vida mundana, onde o corpo é concebido como substâncias pecaminosa, concupiscente, devendo, portanto, ser submetido a exercícios ascéticos de disciplina e controle para a mortificação dos desejos carnis. O corpo deve ser purificado para converter-se, exclusivamente, em instrumento que deve estar a serviço da salvação da alma (ARAÚJO, 2000, p. 144).

O corpo, ao longo da história, principalmente durante a época clássica, segundo Foucault (1987), foi visto como meio de poder, sendo, muitas vezes, usado, manipulado e condicionado. Podemos, ainda hoje, perceber essas marcas. Um bom exemplo é a didática utilizada dentro dos quartéis com os soldados.

No período do século XVII, o corpo era entendido como máquina, mais especificamente, como um objeto. A ciência, nesse período, teve grande influência da idealização do corpo como simplesmente um material ou equipamento que pode sofrer falhas. O corpo fica exposto às especulações da sociedade sobre o seu funcionamento e experimentações da ciência. Além disso, se evidencia mais uma vez que a mente se sobressai em relação ao corpo.

Araújo (2000, p. 144) nos diz que

[...] com o Renascimento e o surgimento da Idade Moderna, o corpo passa a ser abordado como objeto de investigação científica, o que relaciona-se com a etimologia latina da palavra *corpus* que significa cadáver. René Descartes propugna que o corpo é mera *res extensa*, coisa extensa, pura exterioridade na periferia da *res cogitans*, da coisa pensante, da razão, que é o centro do ser.

A história revela que a disciplina dos corpos de que tanto falamos em relação à escola e a vários outros lugares, nos quais se usa a disciplina como forma de dominação, foi deixada de herança pela sociedade do século XVII e XVIII, controlando espaços, tempos e movimentos do corpo.

O corpo, nos dias de hoje, como já mencionado anteriormente, assume um papel importante quando considerado como elemento primordial na interação com o mundo, ou seja, quando a linguagem corporal passa a ser vista como uma linguagem legítima do ser humano. Porém, ele também é reprimido pelo sistema tanto educacional como social, pelas regras e limites. Além disso, as marcas do passado ainda estão presentes, fazendo com que entendamos o corpo como um objeto, uma máquina, algo utilitário que podemos controlar, disciplinar e domesticar. De acordo com Valverde (2000, p.44)

[...] em nosso século, acostumamo-nos a conceber o corpo como o lugar das inscrições – da linguagem à disciplina do trabalho, do amor à moral – e ao mesmo tempo como meio de expressão de uma subjetividade enraizada no mundo simbólico. E nas últimas décadas vemos ser ressaltado o aspecto material dessa inscrição no corpo da cultura, através dos rastros deixados pela técnica.

A história do corpo é diversificada. Pode ser abordada a partir de diferentes pontos de vida, mas é necessário conhecê-la e entendê-la para depois discutirmos a questão do corpo no contexto atual, pois muitas marcas ficaram e ainda dominam e condicionam a maneira pela qual vamos atribuir ao corpo um papel de protagonista ou não nas interações com o meio. Além do mais, a forma como vamos educar o corpo vai originar novos significados e definições.

2.2. O corpo: um olhar a partir da educação

O corpo é um tema que gera discussões em se tratando do ensino fundamental, pois ainda há resistência em se trabalhar o corpo em sala de aula, não sendo atribuída a mesma importância atribuída aos conteúdos da grade curricular, resultando no acúmulo de informações e na imobilidade dos alunos que permanecem em uma sala de aula, organizados em filas, por um período de quatro horas por dia. Porém, os alunos dos dias de hoje já não são mais os mesmos que seguiam à risca essa proposta de escola. Eles são mais interativos, críticos e provocadores.

Precisamos repensar as nossas ações e perceber que o corpo também faz parte do ensino-aprendizagem e que o professor desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de seus alunos, especialmente nos anos iniciais, base da vida escolar. De acordo com Martinhuk e Finck (2011, p. 9466) «possuímos um leque de possibilidades sobre como desenvolver as atividades corporais sem deixar de lado os aspectos cognitivo, físico, mental e social dando oportunidade de expressão e criticidade ao aluno».

Muitos dos aspectos da aprendizagem estão interligados à corporeidade, ao estado emocional, ao afetivo, ao participativo, ao psicológico e ao físico da criança. E, ao prepararmos atividades que envolvam a expressão corporal, estaremos explorando outras formas de linguagens e oportunizando a livre expressão e a manifestação das emoções das crianças.

Conforme Stokoe e Harf (1987, p.25):

A expressão corporal é uma conduta espontânea pré-existente, tanto no sentido ontogênico como filogenético; é uma linguagem através da qual o ser humano expressa sensações, emoções, sentimentos e pensamentos com seu corpo, integrando-o, assim, às suas outras linguagens expressivas como a fala, o desenho e a escrita. O despertar e a agilização dos sentidos nos permitem ter uma percepção mais cabal do nosso corpo, de suas possibilidades e limitações; essa é a base da formação de bons hábitos, da obtenção de posturas mais corretas, e de ações e atividades nas quais utilizamos de forma adequada e eficaz nossa energia. Uma vez que conseguimos firmar isso, estamos em melhores condições para desenvolver diversas habilidades sem nos prejudicar.

Diante de atividades mais atrativas e instigantes, os alunos terão mais curiosidade e interesse em aprender coisas novas, o que certamente resultará na maior facilidade para escrever e expor suas ideias e ter imaginação. O professor poderá se valer disso e instigar o gosto pela leitura e trabalhar temáticas interessantes que fazem parte do cotidiano como: os valores humanos, o cuidado com a própria escola e com o meio ambiente, entre outros temas que envolvam o ato de educar.

2.3. O lugar do corpo na escola

A realidade que ainda encontramos na maioria das escolas são práticas (docentes) que reprimem o corpo impedindo-o de manifestar-se, expressar-se e agir durante as aulas. Mesmo diante desse tipo de repressão, ele está presente e “grita” de diversas maneiras. Porém, não há uma boa e profunda interpretação por parte dos educadores para entender o porquê dessas interferências e manifestações do corpo do educando. Passamos então a rotulá-los, como alunos que só incomodam ou que são muito quietos, sendo que só estão expressando seus sentimentos. Em relação a isso, Strazzacappa (2001, p. 69-70) afirma:

O movimento corporal sempre funcionou como uma moeda de troca. Se observarmos brevemente as atitudes disciplinares que continuam sendo utilizadas hoje em dia nas escolas, percebemos que não nos diferenciamos muito das famosas “palmatórias” da época de nossos avós. Professores e diretores lançam mão da imobilidade física como punição e da liberdade de se movimentar como prêmio. Constantemente, os alunos indisciplinados (lembrando que muitas vezes o que define uma criança indisciplinada é exatamente o seu excesso de movimento) são impedidos de realizar atividades no pátio, seja através da proibição de usufruir do horário do recreio, seja através do impedimento de participar da aula de educação física, enquanto que aquele que se comporta pode ir ao pátio mais cedo para brincar. Estas atitudes evidenciam que o movimento é sinônimo de prazer e a imobilidade, de desconforto.

Indo ao encontro com o que nos diz a autora, é bem isso que percebo que vem acontecendo nas escolas, os professores usam do movimento corporal para fazer uma espécie de troca com os alunos. A ideia de corpo se restringe em alguns momentos às aulas de Educação Física, o recreio e atividades nos pátios das escolas, mesmo assim, qualquer coisa que acontece fora da disciplina é motivo para acabar com esses mínimos momentos em que o corpo recebe atenção. De acordo com Strazzacappa (2001, p. 69,70):

Embora conscientes de que o corpo é o veículo através do qual o indivíduo se expressa, o movimento corporal humano acaba ficando dentro da escola, restrito a momentos precisos como as aulas de educação física e o horário do recreio. Nas demais atividades em sala, a criança deve permanecer sentada em sua cadeira, em silêncio e olhando para a frente.

Com a inserção da educação infantil no processo de formação do indivíduo, o corpo deveria ser pensado e trabalhado mais cedo, antes mesmo de os alunos chegarem aos Anos Iniciais, pois já teriam desenvolvido sua educação corporal. Entretanto, isso não acontece com ênfase e até o entendimento de como é importante abordar a questão do corpo, e porque é importante, prolonga-se por anos na educação. Então, nos deparamos frequentemente com alunos que chegam ao Ensino Médio sem uma noção mínima de coordenação motora, psicomotricidade e lateralidade. Cabe ressaltar que o corpo faz parte do processo de aprendizagem do educando, sendo indispensável nesse processo.

3. Análise e discussão dos achados da pesquisa

3.1. Observações no contexto escolar

Este tópico é dedicado para apresentar a análise dos dados coletados, seguindo a metodologia referida na Introdução deste artigo. Assim, apresentarei, no tempo presente, seguindo as anotações no Diário de Campo, como foram as observações e destacando os principais pontos presenciados.

Observei duas turmas, no turno da tarde, durante duas semanas, nas quais analisei vários momentos, mas principalmente, as práticas pedagógicas das duas professoras em sala de aula. Em uma observação geral na escola, percebi que a entrada em sala de aula é em fila, organizada por turma, os alunos ficam bem inquietos e não gostam desta organização.

Na turma da professora A, os seus 14 alunos também vão em fila para a sala de aula, mas cada dia a professora trabalha de uma forma diferente em relação à organização da sala. Dependendo da atividade proposta, é em círculo, em forma de U, às vezes em grupos e, alguns dias, em fila.

Nos dias em que fiz as observações, a professora estava trabalhando o corpo humano, para isso, ela abordou questões do cotidiano dos alunos, como os sentidos, as partes do corpo humano e a alimentação. A professora oportuniza espaço para o aluno se manifestar e questionar, mas deve estar dentro do tema que está sendo trabalhado na aula. Ela sabe que o corpo é bem mais que isso, mas é potencializando-o durante a aula que começa a se constituir uma transformação dentro da escola. De acordo com as ideias de Santin (1994, p.135):

O corpo vive, pensa, sonha, trabalha e brinca. Ele não é o simples objeto, circunscrito aos limites inteligíveis, impostos pelo modelo epistemológico do enfrentamento entre o sujeito e o objeto. A inteligência se constrói como corporeidade; talvez, mais radicalmente dito, a corporeidade se faz inteligente.

Nas aulas de Educação Física, que ocorrem duas vezes por semana, pude observar que a professora fez alongamento, depois, no aquecimento, os alunos caminharam em um pé só, alternando entre o pé direito e o esquerdo. Após, foram propostas atividades coordenadas, nas quais trabalharam lateralidade, coordenação e atenção. Por fim, foi oportunizado um tempo livre para que cada um jogasse ou brincasse com o que gosta. Alguns jogaram futebol e outros brincaram de cantigas de roda, passando a bola. Cabe ressaltar que, quando chove, a professora propõe jogos pedagógicos dentro da sala.

Em relação às observações realizadas na turma da Professora B, composta por quinze alunos, a professora também segue a organização em fila e muito pouco trabalha em grupo ou em círculo nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Percebi que a questão do conteúdo é muito forte, como também a ideia de que o corpo dos alunos precisa ficar imóvel para conseguir aprender. Durante a aula, os alunos não se movimentaram pela sala e tampouco conversaram, pois, de acordo com a professora, é preciso muita concentração, atenção e silêncio para o processo de aprendizagem ser efetivado. Esse é o lema que ela utiliza em suas práticas. Em relação a isso, Foucault (1987, p.174) afirma:

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois projetam-se sobre essa organização características, estimativas, hierarquias.

Durante a aula, a professora B fez um combinado com seus alunos, que consistiu em dizer que, se eles fizessem muito barulho e bagunça, não teriam recreio. Os alunos dessa turma não opinaram muito durante as atividades. Realizaram as atividades como a professora solicitava, mas não faziam questionamentos. Percebi que a criticidade não é tão estimulada, pois não há espaço durante a aula para suas manifestações. É forte a forma disciplinar em que a professora conduz a turma, fazendo com que eles sejam repreendidos pelos seus comandos. Para Foucault (1987, p. 165):

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

As aulas de Educação Física ocorrem duas vezes por semana. Cada aula é de quarenta e cinco minutos. Observei que os alunos ficam ansiosos para sair da sala nos dias das aulas de Educação Física. Notei que, durante o desenvolvimento das atividades, a professora enfatizou a competitividade entre os alunos, de forma negativa. Nos dias em que chove, os alunos não têm Educação Física e, assim, a aula segue normalmente.

3.2. Descrição dos planos de aula

No dia 29 de junho de 2015, realizei uma visita à escola pesquisada, onde analisei o diário da professora A. Primeiramente, conversei com a professora e perguntei se eu poderia ter acesso aos seus planos de aula, e ela demonstrou não haver nenhum problema em disponibilizar seu material.

Por meio da análise do material, percebi que ela trabalha bastante as disciplinas de: Matemática, Ciências e Português, dando atenção especial à leitura. Propõe atividades variadas de acordo com cada disciplina e que, de alguma maneira, aproximem à realidade dos alunos. Paralelamente às atividades de registro, ela organiza brincadeiras e jogos associados ao conteúdo. Em muitas ocasiões, planejou aulas que instigam a criatividade, oportunizando espaços para que o aluno opine e discuta os temas trabalhados.

Outro aspecto que notei foi que ela utiliza vários recursos nas aulas, como músicas e filmes. Nas aulas de Educação Física, as brincadeiras mais utilizadas são: “morto-vivo”, “careca-cabeludo” e “quem sou eu”. Mas ela não faz uma descrição detalhada do andamento das atividades, coloca apenas os nomes das respectivas atividades. De acordo com os últimos planejamentos, a docente trabalhou o Ser Humano e o corpo. Abordou qual a concepção de Ser Humano, trabalhou os sentidos, as partes do corpo, a alimentação e a higiene. De acordo com Pinto (2010, p.25):

A imagem do corpo nos é inconsciente, invisível. Não é uma mentalização do corpo como a do esquema corporal, que especifica algumas características da espécie humana, permitindo uma comparação e mensuração, altura, peso e idade. A imagem corporal é singular, está ligada à história de vida do sujeito. Só se constitui e só continua a existir na relação com alguém. Dessa forma, é constituída das impressões resultantes das relações de prazer e desprazer estabelecidas entre o Eu-Outro, principalmente na primeira infância, com as figuras parentais. Trata-se de uma “memória inconsciente” de uma vivência relacional.

No dia 06 de julho de 2015, analisei o diário da professora B, e diferentemente da primeira análise realizada, que consistiu na análise do diário de classe da Professora A, tive dificuldade de acessar o diário inteiro, pois a professora, inicialmente, preparou somente uma aula para que eu pudesse ler, mas depois, liberou o caderno inteiro, permanecendo ao meu lado enquanto eu realizava a leitura.

Em relação às disciplinas trabalhadas, percebi que a Matemática e o Português se destacavam, com bastantes atividades individuais e de registro. A professora pouco se utiliza de brincadeiras e jogos, como também não cita atividades com música, teatro e filmes. Nas aulas de Educação Física,

não são registradas as brincadeiras e as atividades desenvolvidas, apenas na aula pronta que ela havia preparado para eu ver, apareceram atividades corporais tendo em vista a noção de espaço, lateralidade e equilíbrio.

Relacionando com a ideia de Santin, as aulas de Educação Física deveriam ser, então, um momento no qual o movimento poderia ser livre. Mas, isso de fato não acontece, pois se busca automatizar até os movimentos dos alunos na aula de Educação Física, domesticando também os corpos fora da sala de aula. As atividades já são preparadas antes, sendo meras repetições de movimentos, não havendo relação nenhuma com o conteúdo, com ações e valores humanos que podem ser abordados dentro de um jogo por exemplo.

A educação física procura, através de treinamentos constantes, desenvolver exercícios calculados pelas fórmulas da física e da mecânica. Estas se tomam a gramática e a sintaxe da “alfabetização” do movimento. Os corpos são domesticados. Eles produzem mecanicamente movimentos que foram automatizados (SANTIN, 1994, p. 21).

Diante da análise do diário de classe da professora B, não percebi aulas que oportunizassem espaço para trabalhos em grupo, dinâmicas associadas aos conteúdos e momentos em que os alunos pudessem questionar. Além disso, a maioria das aulas eram baseadas em datas comemorativas e em textos que fugiam da realidade dos educandos.

3.3. Observação + planos de aula: um olhar comparativo

Neste tópico, pretendo apresentar os aspectos mais impactantes obtidos por meio da descrição das observações e da análise dos planos de aula e realizar uma comparação entre esses dois dados adquiridos na pesquisa. Busquei, em contrapartida, verificar se os objetivos de minha pesquisa em relação ao corpo foram atingidos.

A professora A enfatiza, em seus planejamentos, atividades transversais sobre a importância dos valores humanos. Fiquei bastante sensibilizada ao perceber o amor e a dedicação que ela demonstra por seus alunos, e isso é perceptível no desenvolvimento de todas as atividades propostas, pois sempre trabalha a questão do respeito mútuo. Na questão do corpo, notei que ela percebe o corpo, presente, durante a aula, pois entende que os alunos têm necessidades de se mexer, de falar, de serem ouvidos, mas também de terem momentos que exigem concentração.

Quando analisei os planos de aula, a professora estava trabalhando o tema Corpo humano, o que possibilitou observar várias atividades, por exemplo, os alunos produziram cartazes sobre o corpo humano, utilizando seu próprio corpo como molde para os desenhos. Dando continuidade às atividades, os alunos deveriam identificar as características próprias de cada um, a forma de vestir, movimentar-se e agir. Para isso, realizaram dinâmicas, jogos de imitação, atividades de expressão corporal, entre outras.

No diário de classe, que contém todo o planejamento da professora, achei bem interessante como ela utiliza vários recursos durante as aulas. Em outro momento, quando realizei a observação, a aula estava acontecendo com música. Os alunos estavam todos em pé, desenvolvendo atividades de colagem, mesmo assim, estavam bastante concentrados na aula.

Os planos de aula da professora B enfatizam os conteúdos de Matemática e Português, com diversas atividades individuais e de registro. Durante a observação, notei que a professora utiliza bastante o quadro. No início da aula, sempre passa algum texto seguido de perguntas. Depois disso, os alunos fazem folhas de atividades. Todas as atividades são individuais e não há espaço para discussão do conteúdo.

Os alunos são bem agitados e provocam uns aos outros, mas logo a professora pede silêncio.

Durante uma aula, observei como os alunos têm dificuldades em expor suas ideias e também de realizar atividades com desenhos, colagem e recortes. A professora acredita que há uma separação entre corpo e mente e não tem um olhar diferenciado para a sensibilidade e manifestações corporais dos alunos, reprimindo-os. De acordo com Pinto (2010, p. 12):

a compreensão do ser humano na sua totalidade é imprescindível para se concretizar uma educação que valorize e acolha as diferenças dos educandos, entendendo-se que ser humano é mente-corpo. Portanto, uma escola comprometida com uma formação globalizante não pode priorizar a mente, desconsiderando a unicidade corpo-mente.

A professora pouco se utiliza de brincadeiras e jogos, e também não menciona atividades com música, teatro e filmes. Segundo a professora, os alunos não reagem bem nessas aulas, pois não se concentram durante as atividades. As atividades, e a maneira como elas são conduzidas são inflexíveis e não se abre para a discussão e pesquisa na vida cotidiana dos alunos.

3.4. Concepções dos professores sobre o corpo e a repercussão em suas práticas pedagógicas

A partir da categorização, apresento as concepções dos professores sobre o corpo, obtidas durante a entrevista, e como o entendimento sobre o tema repercute em suas práticas pedagógicas. Busco fazer uma comparação entre o que foi dito na entrevista com o que foi observado na prática durante a aula. Por isso, optei por trazer a análise das entrevistas a partir da categorização como último tópico desta seção.

A primeira pergunta da entrevista buscava saber como a pessoa entrevistada percebia o corpo na escola e qual sua concepção de corpo. Desta questão, elenquei a primeira categoria: concepção de corpo. A professora A acentua em sua fala a importância do corpo, estando ele presente em tudo o que fazemos, tanto na escola como fora dela, ela cita vários momentos em que percebe o corpo na escola.

a minha concepção de corpo é muito importante, eu acho que tudo que a gente faz ele está envolvido, ele está inserido no nosso dia a dia, não tem como a gente dizer que ele não aparece, desde a hora que as crianças chegam, desde a hora do recreio, da alimentação, tudo que acontece na escola envolve o corpo, é nas práticas de Educação Física, é na escola é desenvolver a leitura, então ele está presente em todos os momentos. (Professora A, linha 3)

Durante a observação das aulas ministradas pela professora A, foi possível perceber na prática a percepção de corpo que a docente possui, já que demonstra estar atenta a seus alunos desde o momento que chega até o momento que sai da escola. Na sala de aula, respeita o momento que os alunos precisam para se organizar, dá a oportunidade para que todos se manifestem e expressem sua opinião, além de realiza aulas dinâmicas, trabalhando com os sentidos, com jogos e diversos recursos pedagógicos.

Na segunda questão, pergunto se as entrevistadas acreditam que se pode trabalhar o corpo em sala de aula ou se isso só é possível no pátio. Neste questionamento, juntamente com a primeira questão, pude mapear a segunda categoria de análise: percepções do corpo na escola. A professora B enfatiza que sim, mas que é no pátio que os alunos têm mais liberdade para movimentar-se, pois dentro da sala de aula eles precisam se concentrar no conteúdo. Observando suas práticas presenciei de fato que, dentro da sala, os alunos não podem conversar e sair do lugar, sendo que, nas aulas de Educação Física, ela trabalha mais com o corpo, mas, mesmo assim, não oportuniza

espaço para que os alunos possam brincar, jogar, expressar-se e manifestar-se livremente, pois todas as atividades são conduzidas e inflexíveis.

A professora B destacou que o corpo deveria ser amplamente trabalhado, o que fiquei muito surpresa de ver como ela se preocupa com o corpo em todos os espaços, trazendo à tona ideias de abordar o corpo em vários lugares, e que ele está associado a várias coisas do nosso dia a dia. Entretanto, é visível a ideia tradicional da escola de que, para trabalhar o corpo, damos ênfase para a higiene e alimentação. Segundo a Professora A, linha 11, o corpo é trabalhado:

[...] tanto na sala de aula quanto no pátio, na família e na comunidade, ele é um trabalho globalizado, que até deveria ser bem mais difundido, que deveria globalizar a comunidade a estudar isso, é a higiene corporal, a higiene dos alimentos, é a higiene do corpo, é a higiene da mente, é um monte de coisas que envolve, não é só vim para a escola e aprender que tem braço, cabeça, é todo um trabalho que começa desde cedo, e reflete em tudo, ele é primordial e essencial para o desenvolvimento da criança.

Com a terceira pergunta, busco saber como o corpo é envolvido nas práticas pedagógicas das professoras. Nas falas de ambas professoras, são percebidas as concepções de separação entre corpo e mente, que ainda é muito presente dentro de muitas escolas. Porém, há uma diferenciação, pois a professora A acredita que o corpo é trabalhado em todos os momentos, tanto em sala de aula como fora. Já a professora B destaca que o corpo é mais trabalhado nas aulas de Educação Física. De acordo com a Professora B, linha 12:

nas aulas de Educação Física, a gente trabalha mais a questão do corpo, como isso, nas atividades, do lúdico, também na questão de equilíbrio, da noção de direita e esquerda, que é lateralidade, e também a questão da noção de espaço, a criança tem que ter a noção de espaço, até dentro da sala de aula, se ela não consegue ter essa noção do espaço em sala de aula, ela também se sente perdida, ela não consegue... e com a questão do corpo principalmente nos anos iniciais.

Durante as observações, notei que, por mais que a professora A ainda tenha a ideia de dicotomia do corpo e mente, em suas práticas, ela sempre envolve e valoriza os dois. A outra professora trabalha mesmo com a ideia de corpo só na Educação Física, tanto que, em sala de aula, os alunos não podem levantar e nem conversar em nenhum momento.

Para finalizar a entrevista com a Professora A, perguntei se ela considera importante que o professor perceba e que deva ainda, ter um olhar atento, com os alunos muito quietos ou muito agitados, pois muitas vezes é com o corpo que o aluno manifesta o problema que ele está enfrentando. Ela argumentou, então, dizendo que é de extrema importância conhecer cada aluno, saber suas características, limites e capacidades.

Sua percepção de corpo é bem como nos fala Strazzacappa, ao afirmar que é o professor que vai definir como trabalhar com o corpo dentro da sala de aula. Mas, mesmo que não se perceba o corpo, ele está presente e vai fazer a diferença nas atitudes dos alunos.

O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo... de uma forma ou outra, estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando. Cabe agora a cada um de nós fazer a reflexão (STRAZZACAPPA, 2001, p. 79).

A aula ministrada pela professora vai ao encontro de sua fala, já que em suas práticas possibilita aulas flexíveis, dialogadas e oferece espaço para o aluno dar sua opinião e fazer perguntas. Para a Professora A, “O aluno tem que se mover, tem que falar, ele tem que se movimentar, expressar seus pensamentos, isso de não deixar ele se movimentar é ultrapassado, já era!”. Assim, eles têm, dentro da sala, liberdade para falar, questionar, levantar, mas precisam respeitar uns aos outros e, principalmente, a professora. Devem se dedicar ao estudo, ter interesse e participar ativamente das atividades.

4. Considerações finais: o que dizer sobre o corpo no cotidiano escolar dos anos iniciais?

O corpo não é só importante, ele é necessário para a existência do ser humano no mundo. E, na escola, ele não deixa de ser diferente, significando um todo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Perante os dados obtidos, cheguei à conclusão de que o corpo no cotidiano escolar é trabalhado, que não tem como deixar o corpo de lado e levar para a escola só o cérebro dos alunos e que há formas diferentes de trabalhar o corpo dentro da escola. É dessas formas que quero falar. Formas que descobri indo a campo, pesquisando, observando algumas aulas, entrevistando as professoras e analisando seus planos de aula.

Primeiramente, falarei da forma menos adequada de se trabalhar o corpo, a meu ver, contrária do que acredito ser a certa, pois é inversa às teorias que estudei durante o curso de Pedagogia-Licenciatura e defendo - concepção que se aproxima do trabalho da Professora B. Estou falando quando o corpo não é entendido em sala de aula como algo necessário e importante para a formação do sujeito, quando o corpo só é lembrado, valorizado e estimulado nas aulas de Educação Física, ainda assim, equivocadamente. O corpo, nessa concepção, ganha papel dentro da educação e da escola apenas de coadjuvante, sendo que a *mente*, o *intelecto*, o *logos* fica como protagonista do aprendizado do aluno.

Nessa lógica, o corpo é entendido como algo separado da mente, ou vice-versa, não podendo assumir valor máximo, nem igual à mente. Até os momentos que seriam dedicados ao movimento, são reduzidos para que os alunos “não percam tempo”, já que o conteúdo é mais importante. Professores se preocupam com encher cadernos copiando e reproduzindo, sendo que, muitas vezes, os alunos não aprendem de fato, só memorizam. Enquanto isso, não é trabalhada a constituição do ser crítico, questionador que consiga relacionar os conteúdos com as questões básicas do cotidiano.

Existem muitas outras coisas negativas deixadas pela educação do não movimento, como aborda Strazzacappa (2001). Alunos que estão indo para o Ensino Médio sem nenhuma noção de espaço, equilíbrio, coordenação, psicomotricidade, e pior, sem nenhuma criticidade, criatividade e estímulo pela educação.

Essa forma de trabalhar o corpo não é atual. Isso está vinculado à história corporal que se promulgou, assim também como a disciplina e domesticação que busca sempre a imobilidade e a dominação dos corpos. Corpos que, querendo ou não, estão vivos, corpos que “falam”, que se expressam e precisam ser notados.

Agora vou falar da outra maneira de se trabalhar o corpo. Maneira que surpreende e me motiva, me envolve e me faz ver que valeu a pena a pesquisa. A referida maneira se aproxima bastante da prática da Professora A. Mesmo em pequena quantidade, existem sim, professores com uma nova concepção pedagógica dos corpos. Pessoas que, mesmo atreladas ao sistema e às normatizações da escola, procuram fazer um trabalho todo diferenciado com seus alunos. O corpo, nesse momento, é percebido, talvez não tanto na sua essência única, mas já é um grande avanço para a história.

Diante dessa ideia, o corpo é visto como elemento importante no aprendizado do aluno, porque as atividades são diferenciadas e oportunizam espaço para a expressão. A organização da sala representa uma relação de igualdade, onde não se quer disciplinar e sim mediar o conhecimento da melhor forma possível, fazendo com que o aluno se expresse, questione, participe e aprenda a compreender e a respeitar as regras e os limites.

Finalizo mencionando que foi desafiador realizar este trabalho, mas indispensável para a formação de uma profissional da educação. Não poderia falar de corpo, sem reagir corporalmente com todo este processo de pesquisa. A transformação em sala de aula, na escola ou na sociedade só depende de nós. Penso que o primeiro passo é refletir e ter a consciência das nossas ações.

Referências

ARAÚJO, M. A. L. Os sentidos do corpo. In: CABEDA, S.T; CARNEIRO, N.B; LARANJEIRA, D.P. (Org.). **O corpo ainda é pouco**: seminário sobre a corporeidade. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000. p. 143-155.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

LÊ BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MARTINHUK, K; FINCK, S. Educação física escolar: análise das práticas corporais nos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas públicas municipais de ponta grossa. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2011. p. 9463-9474.

PINTO, V. O. **O corpo em movimento**: um estudo sobre uma experiência corporal lúdica no cotidiano de uma escola pública de Belo Horizonte. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João Del-Rei, Minas Gerais, 2010. Disponível em: <www.ufsj.edu.br/portal2.../File/.../Disertacao8ValciraOliveiraPinto.pdf>. Acesso em: 27 out. 2014.

SANTIN, S. **Educação Física**: da Alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: Suliani, 1994.

_____. **Educação Física**: temas pedagógicos. Porto Alegre: Suliani, 1992.

STOKOE, P; HARF, R. **Expressão corporal na pré-escola**. São Paulo: Summus, 1987. v. 30.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 21, n. 53, p.69-83, abr. 2001.

VALVERDE, M. O corpo e sensibilidade. In: CABEDA, S.T; CARNEIRO, N.B; LARANJEIRA, D.P. (Org.). **O corpo ainda é pouco**: seminário sobre a corporeidade. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000. p. 41-51.